

SEPULTURAS, TOPÓNIMOS E *HABITATS*: ELEMENTOS PARA A COMPREENSÃO DO POVOAMENTO ALTO-MEDIEVAL NO MUNICÍPIO DE SANTA COMBA DÃO (VISEU)

PEDRO MATOS*

HELENA CATARINO**

Resumo: *O estudo agora apresentado resulta de trabalhos de prospeções arqueológicas no território do concelho de Santa Comba Dão (Viseu), centrando-se na relação das sepulturas rupestres com os vestígios do povoamento antigo, possivelmente coevo ou com os quais possa ter relações de continuidade. A análise conjunta dos dados arqueológicos e da documentação histórica servirá de base para a tentativa de reconstituição da ocupação antiga na zona em estudo, inserida entre a Antiguidade tardia e a Alta Idade Média.*

Palavras-chave: *Santa Comba Dão; Sepulturas rupestres; Ocupação alto-medieval.*

Abstract: *The present study results from archaeological surveys in the territory of Santa Comba Dão (Viseu), centered on the relation between cave graves and vestiges of ancient settlements, possibly contemporary or with which it may have continuity relations. The joint analysis of archaeological data and historical documents, will then support the attempt to reconstruct the settlements patterns of the area under study, between late Antiquity and the Early Middle Ages.*

Keywords: *Santa Comba Dão; Rock-cut graves; Early medieval settlements.*

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na Península Ibérica, para o estudo das sociedades da Alta Idade Média, guiado por campanhas de prospeções arqueológicas e análises espaciais, as sepulturas rupestres são, sem dúvida, os vestígios arqueológicos mais expressivos e, muitas vezes, um dos poucos remanescentes deste período. O seu valor, todavia, é tanto maior quanto maior for a sua vinculação a possíveis núcleos habitacionais e espaços religiosos. A análise morfológica pormenorizada destes monumentos, embora incontornável, por si só, não contribui minimamente para a compreensão da dinâmica e evolução do povoamento medieval, podendo refletir, ocasionalmente, mais uma tendência de

* Bolseiro FCT – Universidade de Coimbra (CEAACP). Email: pjmatos27@hotmail.com.

** FLUC/DHEEAA; FLUC/CEAACP. Email: hcatarino@fl.uc.pt.

entalhe local — e talvez resida aqui um dos seus principais valores científicos — do que propriamente um indício de evolução cronológica.

Nas palavras de Mário Barroca, para o estudo das necrópoles rupestres, «torna-se extremamente difícil, enquanto não se realizarem escavações arqueológicas [...] propor qualquer intento de ordenação quer tipológico quer cronológico»¹, ou seja, principalmente na falta de vestígios ósseos nas sepulturas, a análise estratigráfica acaba por ser o processo mais seguro para a sua periodização e para a construção do seu quadro morfológico evolutivo, conforme bem demonstrado por este autor através das intervenções no convento de Santa Marinha da Costa. A aproximação à evolução morfológica condicionada aos dados de superfície resulta extremamente complexa e, frequentemente, quase impossível.

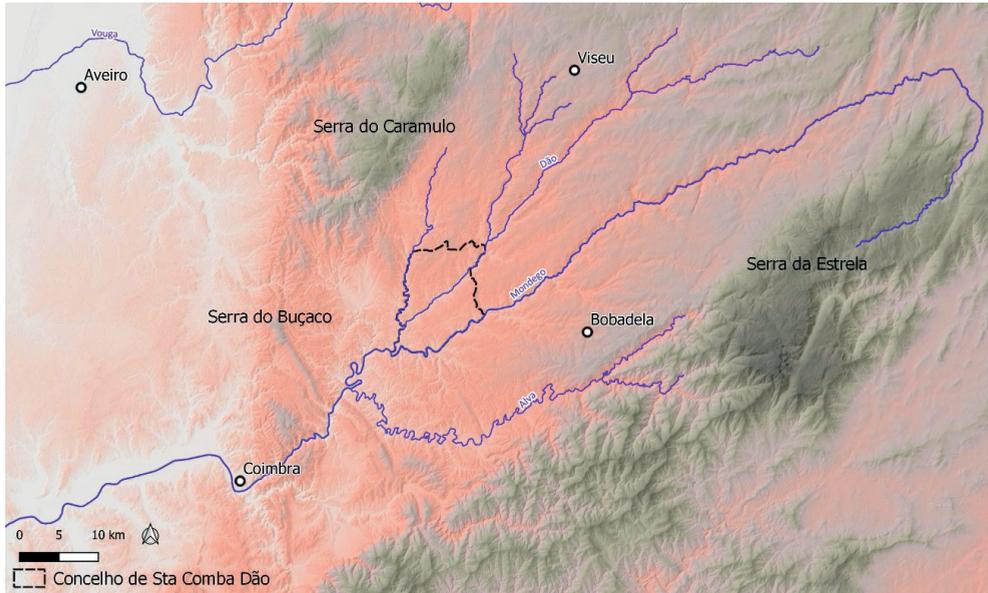
Ao registar uma sepultura rupestre, tentar identificar manchas de ocupação que, possivelmente, remetam a *habitats* associados aos monumentos, ou que mantenham com estes uma aparente relação de continuidade, deve ser um exercício imediato do investigador, bem como condição *sine qua non* à sua metodologia de estudo. Nesta linha, os trabalhos de Marina Afonso Vieira (2004), na zona do Alto Paiva, e de Catarina Tente (2007) e Sandra Lourenço (2007), na Beira Alta, representaram marcos importantes para o estudo do mundo rural na Alta Idade Média. Nos últimos anos, trabalhos como os de Iñaki Martín Viso (2012) e Rubio Díez (2013), no centro oeste peninsular, têm vindo a demonstrar como a observação de um conjunto de quesitos pode conduzir à elaboração de modelos de povoamento antigo a partir das sepulturas rupestres.

Posto isto, tentaremos uma aproximação ao povoamento antigo do território de Santa Comba Dão², no período inserido entre a Antiguidade tardia e a crise do reino de Leão na segunda metade do século X, fundamentalmente, com base na análise espacial conjunta da distribuição de algumas das sepulturas rupestres inventariadas, dos *habitats* antigos, e das vilas (*villas*) registadas em documentos do século X. Desta forma, pelo número de amostras utilizadas e pelas dimensões do nosso território, não temos a pretensão de extrapolar as nossas ilações para além da zona do Baixo Dão³, e sabemos, também, que essa aproximação consiste num processo abarrotado de questionamentos, mas que, todavia, acabariam por minar qualquer tentativa de enquadramento social e cronológico fossem amiúde analisados ao longo da linha de raciocínio que se segue. Assim, tentaremos ser o mais sucintos possível, com a plena consciência da fragilidade destas ilações, provocada tão-somente por camadas de terra, entre especulações embasadas em vestígios de superfície e a realidade subjacente.

¹ BARROCA, 2010-2011: 142-144.

² Processo n.º DRC/ 2017/18 -14/112 / PATA / 8337 (C. S: 158063), submetido pelos signatários, aprovado e em fase de publicação.

³ Por «Baixo Dão», designa-se, genericamente, o vale do rio Dão a partir da zona de Póvoa do Dão (Viseu), onde passa a correr abaixo dos 200 m de altitude.



Mapa 1. Localização do concelho de Santa Comba Dão

Fonte: Pedro Matos e Helena Catarino

2. ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O concelho de Santa Comba Dão, com cerca de 112 km², está localizado numa zona de planalto (Mapa 1), com uma altimetria que oscila entre 119 — 314 m, encaixado entre as serras do Caramulo e Buçaco a oeste, e da Estrela e Lousã, a leste e sudeste. É banhado por três linhas hidrográficas principais, designadamente os rios Criz, Dão e Mondego. Este último, em termos de limites administrativos, marca a fronteira sul do concelho e do distrito de Viseu, pertencendo a sua margem esquerda ao distrito de Coimbra. O Criz, vindo da serra do Caramulo, delimita a extrema poente, e o Dão, vindo de Aguiar da Beira (Guarda), depois de percorrer cerca de 90 km, trespassa o concelho de Santa Comba Dão até desaguar no Mondego, ainda em território concelhio.

No tocante à geomorfologia, Santa Comba Dão encontra-se sobre o Maciço Antigo⁴, na zona de contacto da grande plataforma granítica que domina quase integralmente o quadro geológico da Beira Alta, com as formações xistosas encaixadas entre o granito e as bacias sedimentares terciário-quaternárias da orla ocidental⁵.

⁴ Formação de Rochas eruptivas e metamórficas que cobre cerca de sete décimos de Portugal continental (BRITO, 1997: 29).

⁵ BRITO, 1997: 30.

3. BREVE ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

Em época romana, o território de Santa Comba Dão faria parte da *civitas* de Bobadela (Oliveira do Hospital), certamente localizado numa zona periférica em relação à capital, bem como a *Vissaium* (Viseu), a norte, e *Aeminium* (Coimbra), a sul. Durante o domínio visigodo, sendo *Viseo* sede episcopal, a zona em estudo teria sido integrada na sua comarca⁶. Com a invasão muçulmana, aqui, chefiada por Muça b. Nuçair, esta zona passou a estar na região da Marca Inferior, onde Mérida era a cidade mais importante e, posteriormente, Badajoz⁷.

O domínio muçulmano sobre as antigas comunidades romano-visigodas da Beira Alta deve ter ocorrido em contornos relativamente pacíficos. Não dispunha o invasor de contingentes suficientes nem para efetivar a conquista de vastos territórios, nem para administrar as terras que lhes eram vinculadas⁸, pelo que, frequentemente, recorriam a pactos de capitulação para submeter pacificamente as comunidades autóctones. Desta forma, teriam capitulado, entre outros, os centros episcopais de Coimbra⁹ e Viseu¹⁰, e nas palavras de Helena Catarino, «se as cidades pactuaram com o invasor, mais facilmente a população autóctone dos meios rurais aí permaneceu, numa certa autonomia, arabizando-se culturalmente, mas mantendo-se cristã»¹¹.

A reorganização administrativa de Afonso III das Astúrias colocou a zona do Baixo Dão na circunscrição do condado de Coimbra. Este território foi então palco de pouca — ou talvez nenhuma — algazarra militar face à alvoroçada trama política que grassou principalmente durante a crise da segunda metade do século X¹², que corresponde a uma das balizas cronológicas do presente estudo.

Em 878¹³ começa, com Hermenegildo Guterres, a linhagem dos condes de Coimbra, representantes da autoridade régia a sul do Douro. Na primeira metade do século X, esta zona assume, brevemente, um protagonismo no reino de Leão consoante a transferência da sua capital para Viseu, durante parte dos reinados de Ordonho II (914-924) e Ramiro II (931-951), o que, de acordo com Maria Teresa Veloso, teria «impulsionado um fomento agrário no vale do Dão»¹⁴, embora o verdadeiro impacto deste processo seja hoje bastante questionável. Coincidiu, todavia, com um período de clima quente e seco que grassou na Europa entre o século VIII e a segunda metade do século XII, proporcionando um crescimento económico essencialmente agrícola¹⁵,

⁶ TENTE, DE MAN, 2016: 385.

⁷ CATARINO, 2005: 195.

⁸ FERNANDES, 2016: 49.

⁹ REAL, 2014: 23.

¹⁰ CATARINO, 2005: 200.

¹¹ CATARINO, 2005: 196.

¹² Para a crise da monarquia de Leão, consultar, entre outros: MATTOSO, 1997: 474-477.

¹³ AZEVEDO, 1933: 20; MATTOSO, 1987: 117.

¹⁴ VELOSO, 2008-2009: 156.

¹⁵ DUBY, 1993: 20-23.

ou seja, conforme referiu Pérez Marinas, coincidiu com o início do Período Quente Medieval, que esteve relacionado com a prosperidade das comunidades aldeãs entre o Douro e o Sistema Central¹⁶.

José Mattoso, por sua vez, referiu o «duplo movimento colonizador»¹⁷ caracterizado pela confluência de colonos vindos do norte e do sul para o atual Centro e Norte de Portugal, a partir das conquistas de Afonso III. A zona do Baixo Dão, em meados do século X, portanto, não poderia ter deixado de sentir os efeitos deste incremento agrário e populacional da região Beirã, ou seja, teria assistido então ao início do delineamento de uma organização política local que não seria alheia a uma hierarquia paroquial incipiente, momento em que o culto a Santa Columba poderia ter penetrado nestas paragens.

4. ELEMENTOS PARA A ANÁLISE DO POVOAMENTO ANTIGO

Conforme afirmado mais acima, na tentativa de vislumbrar os contornos do povoamento antigo da nossa zona, procurámos estabelecer a relação entre o registo arqueológico e a documentação histórica. O primeiro, corresponde às sepulturas rupes- tres e manchas de ocupação que indiciam a presença de assentamentos enquadrados entre o período romano e a época medieval. Já do segundo, extraímos a informação toponímica por meio da qual tentámos perceber, até que ponto, as *villas* e lugares registados na segunda metade do século X podem estar direta ou indiretamente relacionados com o registo arqueológico de superfície.

4.1. As fontes históricas e a toponímia alto-medieval

A documentação histórica mais antiga do território de Santa Comba Dão, corresponde a três cartas de doação, por meio das quais foram entregues ao mosteiro de Lorvão, no intervalo de onze anos, por iniciativa da família condal de Coimbra, *villas* e povoações hoje integradas nos limites administrativos do nosso estudo. Nestes diplomas encontram-se já registadas oito povoações atuais — uma delas, a própria *villa* de *Sancta Columba* (atual Couto do Mosteiro) — que correspondem à quase totalidade dos topónimos elencados nos documentos.

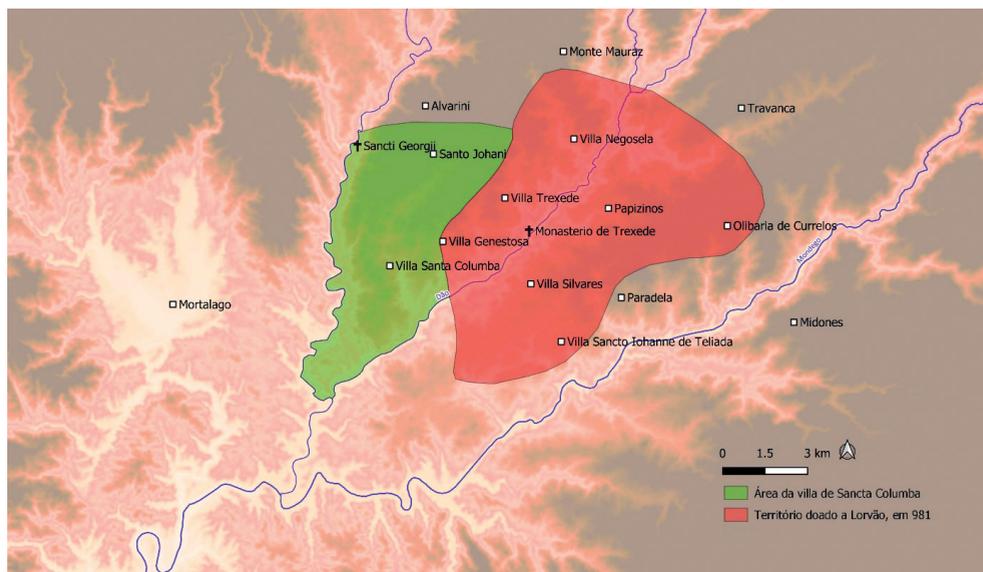
É do ano de 974 o registo¹⁸ mais antigo de Santa Comba Dão, realizado por ocasião da doação do conde Oveco Garcia de parte da sua *villa* de *Sancta Columba* ao mosteiro de Lorvão. Sete anos depois foi a vez do seu sogro, o conde Gonçalo Moniz, de beneficiar o cenóbio lorvanense com a doação da *villa* e mosteiro de *Traxede* (Treixedo) entre outras propriedades¹⁹. Foi este um dos magnatas mais poderosos do

¹⁶ PÉREZ MARINAS, 2016: 161.

¹⁷ MATTOSO, 1997: 406.

¹⁸ LP, Doc. n.º 2 (924, julho, 22).

¹⁹ PMH, DC, Doc. CXXX (981).



Mapa 2. Povoamento do Baixo Dão na segunda metade do século X

Fonte: Pedro Matos e Helena Catarino

reino de Leão, engajou-se na crise do século X tomando parte ativa contra o rei²⁰, sendo mesmo responsável pelo assassinato de Sancho I o Gordo, em 965²¹. Por último, em 985²², Mónio Gonçalves — filho de Gonçalo Moniz — entregou àquela abadia a sua metade da *villa* de *Sancta Columba*, já que a outra fora doada onze anos antes.

A invulgar sobrevivência da toponímia alto-medieval de Santa Comba Dão reflete a antiguidade dos seus lugares, e representa, para o nosso estudo, não apenas um trunfo para a compreensão da paisagem humana do Baixo Dão no século X, como também, para a aproximação aos contornos das antigas *villas*, dada a detalhada descrição dos seus limites, o que inclusive nos permitiu, tanto quanto possível, a reconstrução do quadro administrativo local (Mapa 2).

Para maximizar o potencial informativo dos diplomas acima referidos, ao longo do nosso estudo, optámos por abordá-los em duas escalas de análise; uma supra-territorial, ou seja, fora dos limites espaciais do território estudado, com o objetivo de compreender o ambiente sociopolítico que ocupava em período asturo-leonês, e outra, local, portanto, dentro dos limites atuais do concelho de Santa Comba Dão, centrada fundamentalmente na toponímia e na sua distribuição espacial, para: delimitação de extremas de propriedade (limite das *villas*); provável localização de igrejas

²⁰ MATTOSO, 1997: 446.

²¹ MATTOSO, 1987: 124.

²² LP, Doc. n.º 1 (985, julho, 22).

na igreja de Santa Columba (Igreja Matriz do Couto do Mosteiro) deverão por a descoberto um representativo número de sepulturas associadas ao templo e núcleo aldeão que esteve na origem da *villa* de *Sancta Columba* registada no século X. Esta temática, contudo, deverá ser abordada noutro momento.

Centraremos agora a nossa atenção em dois locais do concelho, ambos situados entre o Dão e o Mondego, onde resulta mais evidente as relações entre a toponímia medieval, os *habitats* antigos e as sepulturas rupestres (Mapa 3). A poente, a zona da *villa* romana da Abadia; a nascente, a zona de São João de Areias, onde um conjunto de sítios estão implantados nas proximidades dos ribeiros de Silvares, Vila Dianteira e São João de Areias.

4.2.1. A *villa* da Abadia e a encosta do Patarinho

Em terrenos localizados entre as povoações de Óvoa e Cagido, encontra-se um *habitat* caracterizado por uma mancha de ocupação com materiais de construção de tradição romana e fragmentos de cerâmica comum, dispersos por uma área com cerca de 5 ha (Mapa 4). No seu lado poente, na designada Encosta do Patarinho, está implantado um conjunto de cinco sepulturas rupestres, distribuídas por três núcleos funerários.



- | | |
|-----------------|---|
| 1 - Abadia | 5 - Patarinho 3 |
| 2 - Patarinho | 6 - Abadia 2 |
| 3 - Patarinho 1 | 7 - Concentração de cerâmicas medievais |
| 4 - Patarinho 2 | |



Mapa 4. *Villa* da Abadia (fotografia aérea obtida no Google Earth)

Fonte: Pedro Matos e Helena Catarino



Fig. 1.
Patarinho 1
Fonte: Pedro Matos

Antigas escavações realizadas nos extremos oeste e sul deste *habitat* indiciam a existência de uma *villa* romana, encabeçada por uma *domus* que deveria estar no sítio de Abadia, onde foram registados fragmentos de canalização em chumbo associados a cerâmicas de época imperial, a pouco mais de 300 m para sul da encosta do Patarinho. Aqui, em escavações no sítio do Patarinho 3, a cerca de 110 m para norte do grupo das 3 sepulturas do Patarinho, e 50 m a sul da sepultura do Patarinho 1 (Fig. 1), foi identificado parte de um compartimento de planta retangular, e exumado um espólio que atesta uma ocupação inserida, possivelmente, entre o período pré-romano e a Alta Idade Média, intercalada, ou não, por momentos de abandono.

O momento entre a ocupação pós-romana e a conversão da encosta do Patarinho em espaço sepulcral, em inícios da Alta Idade Média, possivelmente, está representado por um conjunto de cerâmicas alaranjadas com decoração incisa (Fig. 2), um fragmento de *sigillata* hispânica tardia (Fig. 3), um bordo de cerâmica calcítica (Fig. 4) originária da zona de *Conimbriga*, e, talvez, alguns fragmentos de cerâmicas alaranjadas finas (Fig. 5). Esperamos que, num futuro próximo, este espólio venha a ser apresentado em toda a sua extensão, pois através da análise que iniciámos foi



Fig. 2. Cerâmicas com decoração incisa (Patarinho 3)
Fonte: Pedro Matos



Fig. 3. fragmento de TSHT decorado (Patarinho 3)
Fonte: Pedro Matos

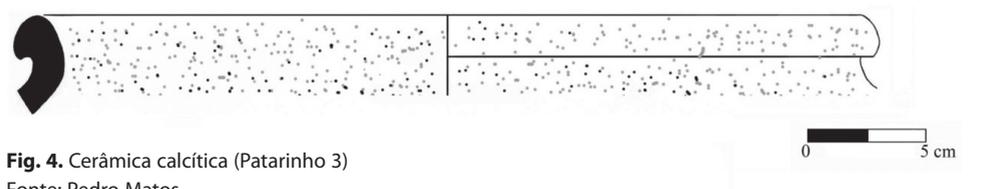


Fig. 4. Cerâmica calcítica (Patarinho 3)
Fonte: Pedro Matos

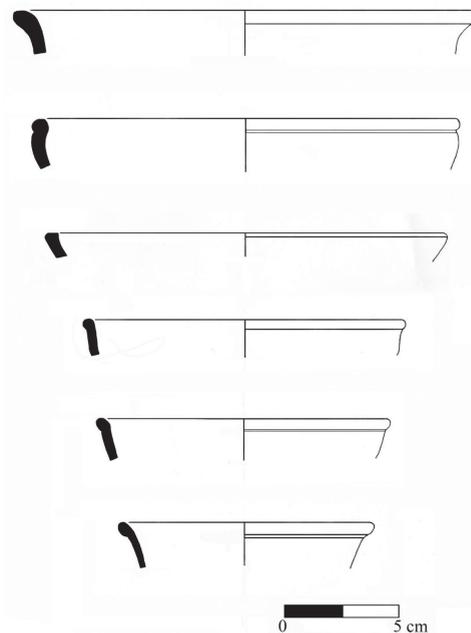


Fig. 5.
cerâmicas alaranjadas finas (Patarinho 3)
Fonte: Pedro Matos

possível descortinar a evolução da ocupação de, pelo menos, uma pequena parcela dessa grande *villa romana*²³.

Ainda distantes de compreender, por completo, os detalhes da ocupação deste assentamento, com base na informação atual, julgamos seguro propor que a encosta do Patarinho permaneceu como espaço de habitação em época pós-romana, pelo menos até à sua conversão em cemitério medieval, onde estariam no mínimo 7 monumentos, dos quais até há pouco tempo restavam 5²⁴, mas que somam hoje apenas quatro. Respeitante aos núcleos habitacionais associados às sepulturas rupestres, admitimos que deveriam estar localizados nos terrenos registados como Abadia 2, onde a dispersão de cerâmicas de construção de tradição romana dever-se-á, talvez, ao reaproveitamento destes materiais a partir de inícios da Alta Idade Média.

4.2.2. São João de Areias

Seguindo para nordeste, na zona dos ribeiros de Silvares, Vila Dianteira e São João de Areias estão localizados dois conjuntos de *habitats* e núcleos funerários.

O primeiro, a norte, encontra-se entre as povoações de Castelejo e Vila Dianteira, e integra: duas sepulturas isoladas em Silvares (Silvares e Silvares 2); a necrópole das Regueiras (Fig. 6), com 6 sepulturas na zona de Casas Novas; e em Vila Dianteira,



Fig. 6. Necrópole das Regueiras

Fonte: Pedro Matos

²³ O estudo deste espólio foi realizado no âmbito da dissertação de mestrado do primeiro signatário, atualmente, em fase de publicação.

²⁴ LOURENÇO, 2007: 35.



Fig. 7.
Sepultura da Roda
Fonte: Pedro Matos

a sepultura da Roda (Fig. 7) e o conjunto das 2 sepulturas do Coturo. Os *habitats* foram registados: ao redor da necrópole das Regueiras²⁵, numa área com cerca de 10 000 m²; na mancha de ocupação da Roda 2, a cerca de 350 m da sepultura de Roda, com uma área entre 100 e 150 m²; e na zona das sepulturas do Coturo, na mancha registada como Coturo 2, que abrange duas áreas com dispersão de materiais²⁶ separadas por menos de 200 m, uma com 5000 m², e a outra com 2000 m². Até ao momento, não foram identificados materiais arqueológicos na zona das sepulturas de Silvaes.

Nas Regueiras, a presença de cerâmica tardo-antiga foi já detetada por Sandra Lourenço, com destaque para um exemplar estampilhado com uma palmeta, motivo que a autora remeteu a imitação da *sigillata* paleocristã²⁷.

Na Roda 2, António Neves recolheu o bojo de um recipiente de armazenamento (Fig. 8), de cozedura oxidante, com um cordão plástico largo e decoração incisa de pouca profundidade, que combina pequenas incisões horizontais, motivos ondulados e meandros em ziguezague, realizados a pente, portanto, enquadrados no tipo B de decoração incisa de Gutiérrez Lloret²⁸. Mas, assim como nos materiais do Patarinho

²⁵ NEVES, 2014: 18.

²⁶ NEVES, 2014: 10-12.

²⁷ LOURENÇO, 2007: 57.

²⁸ GUTIÉRREZ LLORET, 1996: 156.



Fig. 8.

Bojo de cerâmica alaranjada com decoração incisa (Roda 2)

Fonte: Pedro Matos



Fig. 9.

Necrópole de São João de Areias

Fonte: Arquivo fotográfico de António Nunes da Costa Neves

3, também na Roda 2 não se pode afirmar com segurança se os exemplares decorados por incisão estariam enquadrados em contextos de ocupação pós-romana ou já associados às sepulturas rupestres, pelo que julgamos correto admitir tratar-se de artefactos balizados entre a Antiguidade tardia e os inícios da Alta Idade Média.

No Coturo 2, os rebordos de *tegullae*, ímbrices, fragmentos de *dolia* e de cerâmicas utilitárias, algumas de cozedura oxidante destinadas a serviços de mesa finos, indiciam uma ocupação possivelmente enquadrada entre a época romana e tardo-an-

tiga. Destacamos aqui o bordo de um *dolium* de cozedura redutora, que se assemelha aos *dolia* tardo-antigos registados na zona do Baixo Sabor²⁹.

O segundo grupo de estações arqueológicas, mais a sul, na zona de São João de Areias, é formado pela necrópole homónima (Fig. 9), com no mínimo 7 monumentos junto ao adro da igreja matriz; pelo conjunto das três sepulturas da Lavoura; pela sepultura da Quinta do Mascote. Nessa zona, uma das manchas de ocupação localiza-se num terreno entre a necrópole de S. João de Areias e as sepulturas da Lavoura, onde foram identificadas cerâmicas de construção e silhares aparelhados reaproveitados em muros, por uma área com cerca de 1,5 ha; a outra, encontra-se ao redor da sepultura do Mascote, onde voltaram a aparecer fragmento de cerâmica utilitária com decoração incisa³⁰, por uma área não superior a 3000 m².

5. DINÂMICAS DE POVOAMENTO

Apresentados os dados arqueológicos e, sumariamente, a documentação histórica, resta agora analisá-los em conjunto na tentativa de decifrar as prováveis relações.

Na zona dos sítios à nascente havia, na segunda metade do século X, duas *villas*: *Silvares* (Silvares) e *Sancto Iohanne de Teliada* (São João de Areias). A primeira é, na zona em estudo, o único caso em que o topónimo sobreviveu ao povoado, portanto, um exemplo daquilo que Michael Aston definiu como uma «vila desertificada»³¹. A *villa* de *Silvares*, contudo, não deveria estar afastada do vale de um pequeno ribeiro que separa as duas sepulturas de Silvares e Silvares 2. Nesta zona não foram ainda identificados quaisquer vestígios materiais e é provável que, em momento incerto, os habitantes de *Silvares* se tenham deslocado para a aldeia de Castelejo, no cimo de um morro a norte do vale, com melhores condições de defesa e onde deveria existir alguma estrutura amuralhada.

Na zona da *villa* de *Sancto Iohanne de Teliada*, por outro lado, os vestígios identificados remetem a uma ocupação diacrónica, provavelmente desde a época romana, o que nos coloca outro problema, concretamente, como explicar a sua evolução face ao abandono dos assentamentos associados às sepulturas de Casas Novas (Necrópole das Regueiras) e Vila Dianteira? Porque foi construída uma igreja sobre a necrópole de São João de Areias e não sobre a das Regueiras? E ainda, como justificar que esta zona e a de Vila Dianteira, onde estão ao todo nove sepulturas rupestres, para além dos *habitats* já referidos, tenha ficado marginalizada em relação às *villas* de *Silvares* e *Sancto Iohanne de Teliada*, sendo que na primeira, os vestígios mais antigos resumem-se a duas sepulturas isoladas?

²⁹ BAÉZ *et al.*, 2014: 905.

³⁰ NEVES, 2014: 17.

³¹ ASTON, 1985: 53-61 (livre tradução dos autores).

Conforme observou Sánchez Pardo, teria ocorrido, a partir do século IX, uma paulatina mudança no caráter fundacional das igrejas rurais, que passaram a ser, «cada vez mas, un fenomeno controlado por las jerarquias eclesiasticas y dirigido al encuadramiento de las comunidades en la organizacion de la Iglesia»³², fenómeno este que culminou na progressiva definição do território de cada igreja³³. De volta à nossa zona, a hipótese a considerar seria de que, entre a conquista asturo-leonesa, em finais do século IX, e a crise do reino de Leão, na segunda metade do século X, uma reformulação e incremento no povoamento teria acompanhado a organização do quadro paroquial, que, por sua vez, agora em caráter generalista, teria sido «contemporâneo do estabelecimento da aldeia como marco social e modelo de fixação dos homens»³⁴, processo que teria culminado no surgimento das *villas* e, de acordo com Martín Viso³⁵, acabaria por marcar também o final do período de utilização das sepulturas rupestres.

A implantação do templo — «centro paroquial» — sobre a necrópole de São João de Areias teria levado, portanto, à consolidação do núcleo aldeão associado às sepulturas desta zona e, possivelmente, provocado o deslocamento dos grupos familiares a norte de Vila Dianteira para a *villa* de *Sancto Johanne de Teliada* ou, em menor escala, para junto dos assentamentos associados às sepulturas de Silvares e Silvares 2, onde viria a surgir a *villa* homónima, hoje desaparecida. Por explicar permanece, por enquanto, a preferência por São João de Areias; talvez houvesse aqui uma maior coesão social, ou já então, conforme em outros locais, «um oratório isolado na orla do avanço arroteador»³⁶, ou uma capela junto à necrópole rupestre³⁷, sobre a qual fora erigido o templo paroquial, ou talvez, ainda, o povoado estivesse em local privilegiado, junto a uma antiga via romana bem como nas proximidades de um ponto de travessia do Mondego.

Assim como no sítio das Regueiras, a ocupação associada às sepulturas da encosta do Patarinho não evoluiu para *villa* no século X, pelo contrário, encontra-se completamente apartada dos lugares mencionados nas cartas de doação, não sendo possível, aqui, o estabelecimento de qualquer ligação com o registo histórico alto-medieval. Com efeito, o quadrante sudoeste do concelho começa a figurar na documentação medieval apenas a partir do século XII³⁸.

³² SÁNCHEZ PARDO, 2010: 158.

³³ SÁNCHEZ PARDO, 2010: 160.

³⁴ JORGE, 2000: 141.

³⁵ MARTÍN VISO, 2005-2006: 86

³⁶ GARCÍA DE CORTAZAR, RUIZ DE AGUIRRE, 1983: 134.

³⁷ Conforme afirmou Ana Jorge, muitas paróquias teriam surgido «a partir de igrejas monásticas, e mesmo de igrejas fundadas por agrupamentos de camponeses» (JORGE, 2000: 140).

³⁸ MORAIS, 2013: 22-24.

6. CONCLUSÃO

Diminuindo agora a escala de análise, de forma a lançar um olhar mais amplo sobre o território santacombadense, percebemos que, aqui, a relação espacial entre os núcleos de sepulturas rupestres e a toponímia alto-medieval não remete a uma ligação direta entre os *habitats* possivelmente associados àqueles monumentos, e os lugares registados no século X, exceto nas zonas das sepulturas de Silvares e São João de Areias, e com marcadas reservas, em Treixedo, onde conjuntos de núcleos habitacionais, ou mais precisamente, aldeias tardo-antigas ou alto-medievais (séculos V-IX/X) teriam evoluído para *villas* em período asturo-leonês. Dos sete núcleos funerários implantados em zonas com assentamentos antigos, apenas na encosta do Patarinho foi possível perceber os contornos dessa evolução. Aqui, houve claramente, em inícios da Alta Idade Média, uma conversão em espaço funerário de uma zona que, até a Antiguidade tardia, servira de vivenda.

Ficou mais evidente a relação de continuidade entre grupos humanos associados às sepulturas rupestres e a anterior ocupação pós-romana. Arriscando-nos agora numa aproximação cronológica, a ser futuramente confirmada ou infirmada, sugere-se, em Santa Comba Dão, a possível associação destes monumentos funerários com o período de colapso do reino visigodo cujas características foram bem definidas por Martín Viso (2016), portanto, um momento de grande isolamento administrativo e religioso dessas comunidades rurais em relação às sedes de bispado, bem como da progressiva autossuficiência dos núcleos de povoamento, no seio dos quais a pastorícia teria ganho preponderância face à agricultura, e onde as sepulturas rupestres poderiam estar vinculadas «a la reclamación de derechos de pasto por parte de ciertas comunidades»³⁹.

A reorganização administrativa que teria ocorrido a partir dos meados do século X, conforme já afirmado, provavelmente provocou o reagrupamento — norteado pelo estabelecimento do quadro paroquial — dos casais e aldeias de época visigoda e emiral, de forma a desenhar as bases da organização do povoamento que, em linhas gerais, se mantêm até hoje.

FONTES

PMH, DC: *Portugaliae Monumenta Historica: a saeculo octavo post Christvm vsqve adqvintvmdecimvm. Diplomata et chartae*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, vol. 1, pp. 1867-1873.

BIBLIOGRAFIA

ASTON, Michael (1985). *Interpreting the Landscape: Landscape Archaeology in Local Studies*. Londres: B.T. Batsford.

³⁹ MARTÍN VISO, 2016: 21.

- AZEVEDO, Ruy de. (1933). *O Mosteiro de Lervão na reconquista cristã*. Sep. «Arquivo Histórico de Portugal». Lisboa.
- BÁEZ, Beatriz et al. (2014). *Recipientes de armazenamento no vale do Baixo Sabor (Portugal), da época romana à antiguidade tardia. Ensaio cronotipológico*. In JÁRREGA, R; BERNI, P., coord. *Amphorae ex Hispania: paisajes de producción y consumo*. Monografías «Ex Officina Hispania». III, 898-917.
- BARROCA, Mário (2010-2011). *Sepulturas escavadas na rocha de Entre-Douro-e-Minho*. «Portvgalia». Nova Série. 31-32, 115-182.
- BRANQUINHO, José Morais (1984). *Quatro freguesias do concelho de Santa Comba Dão – Subsídios para o seu levantamento arqueológico (Santa Comba Dão, Couto do Mosteiro, S. Joaninho e Treixedo)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Trabalho curricular n.º 69.
- BRITO, Raquel (1997). *Introdução Geográfica*. In MATTOSO, José, dir. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, vol. 1, pp. 29-78. Vol. 1: *Antes de Portugal*.
- BUGALHÃO, Jacinta; FOLGADO, Deolinda (2001). *O arrabalde ocidental da Lisboa islâmica: urbanismo e produção oleira*. «Arqueologia Medieval». 7, 111-146.
- CAMPOS, Maria do Céu (1984). *Levantamento arqueológico do concelho de Santa Comba Dão*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Trabalho curricular n.º 70.
- CATARINO, Helena (2005). *Notas sobre o período islâmico na Marca Inferior (Tagr al-Gharbi) e as escavações na Universidade de Coimbra*. In BARROCA, Mário Jorge; FERNANDES, Isabel Cristina F., coord. *Muçulmanos e Cristãos entre o Tejo e o Douro (Sécs VIII a XIII)*. Palmela/Porto: Câmara Municipal de Palmela/ Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 195-214.
- DUBY, Georges (1993). *Guerreiros e Camponeses. Os Primórdios do Crescimento Económico Europeu, séc VII – XII*. Lisboa: Editorial Estampa.
- FERNANDES, Paulo Almeida (2016). *Matéria das Astúrias. Ritmos e realizações da expansão asturiano-leonesa no actual centro de Portugal, séculos VIII-X*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento.
- GARCÍA DE CORTAZAR, J. A.; RUIZ DE AGUIRRE, Y. (1983). *História Rural Medieval*. Lisboa: Editora Estampa
- GUTIÉRREZ LLORET, Sónia (1996). *La cora de Tudmir: de la antigüedad tardía al mundo islámico: poblamiento y cultura material*. Madrid: Casa de Velázquez.
- JORGE, Ana (2000). *As instituições e o elemento humano*. In.: *História Religiosa de Portugal, Vol I. Formação e Limites da Cristandade*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 203-260.
- LOURENÇO, Sandra. (2007). *O Povoamento Alto Medieval entre os rios Dão e Alva*. «Trabalhos de Arqueologia». 50.
- LP: *Livro Preto: cartulário da Sé de Coimbra*. Ed. Manuel Augusto Rodrigues. Coimbra: Arquivo da Universidade, 1999.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2005-2006). *Elementos para el análisis de las necrópolis de tumbas excavadas en la roca: el caso de Riba Côa*. «CuPAUAM». 31-32, 83-102.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012). *Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el Centro-Oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2016). *Colapso político y sociedades locales: el Noroeste de la Península Ibérica (siglos VIII – IX)*. «Reti Medievali». 17: 2, 1-29. Disponível em <<http://www.rmojs.unina.it/index.php/rm/article/view/5009/5585>> [Consult. 12 jul. 2018]. (antes de disponível)
- MATTOSO, José (1987). *A nobreza medieval portuguesa. A família e o poder*. Lisboa: Editorial Estampa.
- MATTOSO, José (1997). *Portugal no Reino Asturiano-Leonês*. In MATTOSO, José, dir. *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, vol. 1, pp. 393-496. Vol. 1: *Antes de Portugal*.

- MENDES, Henrique; PIMENTA, João; VALONGO, António (2002). *Cerâmicas medievais provenientes da escavação da Travessa da Lameira n.º 21. Centro Histórico de Santarém*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 259-276.
- MORAIS, Carlos (2013). *Santa Comba Dão na Idade Média: uma Multiplicidade de Espaços e Poderes*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.
- NEVES, António (2014). *Vestígios Arqueológicos e o povoamento da freguesia de S. João de Areias (concelho de Santa Comba Dão)*. Disponível em <<https://escolasecundriadetbua.academia.edu/Ant%C3%B3nioNeves>> [Consult. 10 set. 2018] (antes de disponível)
- PÉREZ MARINAS, D. I. (2016). *Tierra de nadie. Sociedad y poblamiento entre el Duero y el Sistema Central (Siglos VIII-XI)*. Madrid: Universidad Nova de Madrid. Departamento de Historia Antigua, Historia Medieval, Paleografía y Diplomática. Tese de Doutoramento.
- RAMALHO, Maria *et al.* (2001). *Vestígios da Santarém Islâmica. Um silo no convento de S. Francisco*. «Arqueologia Medieval». 7, 147-184.
- REAL, Manuel L. (2014). *A dinâmica cultural em Portucale e Colimbrie nos séculos VIII-XI*. In DE MAN, A.; TENTE, C. coord. *Estudos de cerâmica medieval. O Norte e Centro e Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 13-56.
- RUBIO DÍEZ, Rúben (2013). *Tumbas excavadas en roca y poblamiento rural post-romano al suroeste del Duero*. In *Arqueología en el valle del Duero. Del Neolítico a la Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas*. Salamanca: Universidade de Salamanca, pp. 269-280.
- SÁNCHEZ PARDO, José Carlos (2010). *Las iglesias rurales y su papel en La articulación territorial de la Galicia medieval (ss. VI-XIII). Un caso de estudio*. «Mélanges de la Casa de Velázquez». 40: 1, 149-170.
- TENTE, Catarina (2007). *A ocupação alto-medieval da encosta noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 47).
- TENTE, Catarina; DE MAN, Adrian (2016). *O fim da Lusitânia: fragmentação e emergência de poderes no território de Viseu*. In *A Lusitânia Entre Romanos e Bárbaros*. Coimbra: Mangualde, pp. 375-396.
- VELOSO, Maria Teresa (2008-2009). *O culto de Santa Comba e o (re)povoamento do vale do Dão (sécs. X-XI)*. «Revista Portuguesa de História». 40, 251-271.
- VIEIRA, Marina Afonso (2004). *Alto Paiva: povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. «Trabalhos de Arqueologia». 36.